

REVISTA MARACANAN

Dossiê

Sonhos, temporalidades e universidade: experiências para o futuro

Dreams, temporalities and university: experiences for the future

Thamara de Oliveira Rodrigues*
Universidade do Estado de Minas Gerais
Divinópolis, Minas Gerais, Brasil

Recebido em: 14 nov. 2022.

Aprovado em: 10 abr. 2023.



Este artigo é produto de pesquisa financiada pela Bolsa de Produtividade da Universidade do Estado de Minas Gerais e pelo Programa Demanda Universal da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG.

Dedicado aos estudantes e aos seus sonhos que tornaram essa reflexão possível.

* Professora Adjunta da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Divinópolis, curso de graduação em História. Doutora, Mestre e graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. Coordenadora do Grupo de Pesquisa "Temporalidades e Histórias Populares" (UEMG/CNPq). (thamara_rodrigues@yahoo.com.br)

 <https://orcid.org/0000-0003-2330-6494>

 <http://lattes.cnpq.br/2164841136808501>

Resumo

Este ensaio problematiza as reflexões sobre o futuro no mundo contemporâneo que o aborda unilateralmente a partir de sua "redução", "estagnação" e "ameaça". Argumentamos que a tematização do futuro resumida à sua "impossibilidade" possui consequências ontológicas, epistemológicas, ético-políticas e afetivas perigosas para o âmbito intelectual e cotidiano, pois alimenta a sensação de que não há como atravessar os desafios do mundo contemporâneo, negando assim o caráter de mobilização da experiência histórica. Essa problematização é conduzida no ensaio por meio do relato de uma experiência de sala de aula ligada ao ensino de Teoria da História. A experiência lançou mão dos sonhos (experiências oníricas) dos estudantes como um caminho possível para reconduzir/reconstruir a nossa relação com o real e com o futuro na universidade. Argumentamos também, com base na experiência relatada, que o exercício de registro, tematização teórica e o compartilhamento dos sonhos em comunidade permite uma percepção mais alargada dos desafios da temporalidade contemporânea, bem como a construção de outros mundos possíveis.

Palavras-chave: Sonhos. Temporalidade. Teoria da História. Futuro. Universidade.

Abstract

This essay problematizes the reflections on the future in the contemporary world that approaches it unilaterally from its "reduction", "stagnation" and "threat". We argue that the perspectives of the future, reduced to its "impossibility" has ontological, epistemological, ethical-political and affective consequences that are dangerous for the intellectual and everyday environment, as it feeds the feeling that there is no way to overcome the challenges of the contemporary world, thus denying the mobilizing character of historical experience. This argument is conducted in the essay through the report of a classroom experience linked to the teaching of Theory of History. The experience made use of the students' dreams as a possible way to restore/rebuild our relationship with reality and with the future at the university. We also argue, based on the reported experience, that the exercise of recording, theoretical approach and sharing of dreams in community allows a broader perception of the challenges of contemporary temporality, as well as the construction of other possible worlds.

Keywords: Dreams. Temporality. Theory of History. Future. University.

O futuro como problema?

Uma das tarefas mais importantes, por isso mesmo, a ser assumida pelos intelectuais progressistas é desmitificar ou desmitologizar discursos pós-modernos que falam da inexorabilidade do que ocorre como se o que ocorre fosse o que teria de ocorrer. Isso é a imobilização da história que veementemente recusa (FREIRE, 2015, p. 29).

Os debates sobre a temporalidade contemporânea são atravessados por diagnósticos que sinalizam para uma maior presença de passados no mundo cotidiano, bem como apontam para certa redução da disponibilidade de futuros. Essas reflexões tornaram-se mais comuns após 1989 e repercutem a predominância de uma relação social com o tempo no mundo ocidental, na qual o futuro teria deixado de atuar predominantemente como lugar de enfretamento das tensões e das angústias que constituem a realidade. Em razão das ameaças tecnológicas, econômicas e ambientais acumuladas ao longo dos séculos XIX e XX e tornadas mais visíveis nos debates políticos e intelectuais, o futuro (abordado numa perspectiva global) passou a projetar de forma mais decisiva imagens e afetos de insegurança e medo. Isso repercutiu na redução da imaginação e na redução de construção de projetos coletivos alternativos àqueles que se apresentam como ameaça. Nessa conjuntura, o passado tornou-se o foco de interesse e de referência mais recorrente para organização e projeção sociocultural no Ocidente, tendo em vista os processos de monumentalização, patrimonialização, os debates por reparação de violências históricas, o crescimento de performances estéticas relacionadas ao passado, a exploração da nostalgia em diferentes seguimentos, especialmente, políticos e culturais. O presente nessa conjuntura se dilata, constituindo certa sensação de aprisionamento, estagnação e de uma retomada de si mesmo, como se mudanças decisivas (para além das ameaças e horror) não fossem mais possíveis ou fossem raras (Cf.: GUMBRECHT, 2015; HARTOG, 2014).

O entendimento da temporalidade contemporânea marcada pela presença de passados que exercem atenção e requisição constantes e pela redução de outros futuros para além daqueles mais ameaçadores, desdobra-se diretamente de uma comparação e diferenciação em relação ao tempo histórico moderno. A temporalidade social da modernidade, especialmente durante o século XIX, é caracterizada pela redução da presença de passados e pela redução da capacidade orientadora e exemplar da tradição, o que permitiu ao futuro ter se tornado o lugar para o qual a imaginação e a construção de mundos se voltou. Nesse contexto, a convicção da mudança histórica e do movimento irrevogável do tempo organizava as relações e as expectativas de forma intensa, o que tornou a projeção de mundos antes desconhecidos possíveis de serem imaginados e disputados com vigor: liberais, socialistas, comunistas, anarquistas... se desdobram como desejo e como ação a partir da disponibilidade posta pelo futuro (Cf.: KOSELLECK, 2006).

O problema já amplamente diagnosticado, contudo, é que essa relação extensiva e também de certo modo abstrata com o futuro foi capturada por certa noção de "progresso"

(linear e cumulativo) que reduziu a complexidade das realidades históricas emergentes à expectativa que o futuro seria sempre melhor, submetendo também as diferenças a um horizonte único em nome de uma razão universal e final (ARENDR, 2016; KOSELLECK, 2006; LÖVITH, 1991; NIETZSCHE, 2003). Essa noção do progresso moderno e eurocêntrico resultou no exato oposto de uma experiência redentora, na revelação da capacidade de autodestruição humana em escala global que explodiu ao longo do século XX, seja em razão das ameaças atômicas, das câmaras de gás, das consequências dos colonialismos, do esgotamento dos recursos naturais ou da afirmação do capitalismo como único modelo possível de organização socioeconômica. Tomando essas referências como base, não é difícil explicar porque o futuro no mundo contemporâneo passou a ser entendido como uma experiência mais ameaçadora, o progresso como “modelo” temporal questionável, desmobilizando ações coletivas de forma mais decisiva.

É com base no espectro dessas violências que parte significativa das teorias da história têm amplamente debatido sobre a configuração social da temporalidade contemporânea, por vezes denominada como “o fim da história” (FUKUYAMA, 2015), “pós-moderna” (LYOTARD, 1986), “presentista” (HARTOG, 2014), “presente amplo”, “pós-histórica” (GUMBRECHT 2015; 2021), “atualista” (ARAUJO; PEREIRA, 2018) entre outras denominações. Sem pretender anular as diferenças decisivas entre essas e outras abordagens que aqui não terei tempo para desenvolver, elas convergem, de forma mais ou menos intensa, em precisar a redução de uma relação pragmática com o futuro. No entanto, mesmo concordando com o ponto determinante desses diagnósticos – a temporalidade contemporânea marcada pela redução de futuros mais abertos e pela rearticulação do presente mais dependente do passado – por vezes, essa ênfase desconsidera outras relações possíveis com a temporalidade e reafirma circularmente o fechamento de horizontes.

A ênfase dessas reflexões nas ameaças e riscos que constituem nossos mundos, de modo geral, relaciona-se a certo receio legítimo de repetir o gesto intelectual da modernidade. Trata-se de evitar pautar futuros utópicos de teor universal, cujas consequências foram devastadoras para os séculos XX e XXI. No entanto, a intensa articulação intelectual que reforça a temporalidade contemporânea à sensação do esgotamento de futuro e ao aprisionamento no presente com forte presença do passado, por vezes perde de vista a complexidade das estratificações temporais e a simultaneidade de experiências e desejos atravessadas por lutas afirmativas em nome de outros mundos possíveis. Géssica Guimarães e Luísa Pereira (2021, p. 55) observaram que esses diagnósticos, como o presentista, articulam um clima “um tanto quanto claustrofóbico do mundo contemporâneo, dificultando a percepção das possibilidades de abertura do tempo histórico para outras dimensões de futuro, passado e mudança histórica que não se esgotam nelas”. Como exemplo, podemos mencionar o crescimento de diversos movimentos intelectuais e sociais, cujas pautas atravessam as questões interseccionais de gênero, étnico-raciais e de classe e a possibilidade de realidades de porvir menos violentas que são desconsideradas nesses debates ou tematizadas de forma marginal.

Para Ewa Domanska (2018), em diálogo com a proposta das “humanidades afirmativas” de “pensar a despeito dos tempos” de Rosi Braidotti (2008a), a ênfase nas catástrofes, traumas, sofrimentos, risco de extinção, silenciamentos e exclusões se tornaram o foco das teorias mais fundamentais da pós-modernidade, encobrendo futuros alternativos que se apresentam junto a/com base na luta contra realidades ameaçadoras. Desse modo, não se trata de ignorar os diagnósticos do pensamento contemporâneo que apontam para a presença conservadora e violenta no âmbito social e político pautada por genocídio, terrorismo, migração, capitalismo global, crise da democracia, biopolítica, necropolítica, desigualdade social, engenharia genética e destruição ambiental que colocam o futuro em risco. Mas isso não precisa excluir a construção de exercícios intelectuais que valorizem experiências capazes de oferecer um contraponto à “negatividade pós-moderna”, sem necessariamente repetir o otimismo autoritário do progresso moderno ou projetar um pessimismo paralisante que enfatiza os cenários distópicos e retira dos sujeitos a possibilidade de reação diante de um horizonte mais fechado. Nesse aspecto, as “humanidades afirmativas” buscam construir projetos de imaginação de futuros apesar dos tempos angustiantes (Cf.: BRAIDOTTI, 2008b; 2010; RODRIGUES, 2021).

Gostaria, portanto, de reforçar que a investigação do futuro resumida à sua estagnação possui consequências ontológicas, epistemológicas, afetivas e ético-políticas perigosas para o âmbito intelectual e cotidiano, pois reafirma de modo circular a sensação de que não há como atravessar os desafios do mundo contemporâneo. Esse gesto acaba por negar o caráter de mobilização da experiência histórica. Como sugerem as reflexões sobre a temporalidade de Reinhart Koselleck (2014), a realidade histórica se desdobra das relações entre “espaços de experiências” e “horizontes de expectativas” capazes de gerar configurações temporais específicas, mas nunca únicas, o que significa dizer que a realidade histórica não está circunscrita por caminhos que tornam possível apenas uma ou outra realidade efetiva. Pensar a temporalidade pressupõe uma teoria dos estratos temporais atenta a diferentes ritmos (projeções e retrações) que indicam diferentes níveis de estabilidade e mudança.

Se, por um lado, não podemos negar que do ponto de vista global, o futuro se tornou um problema na medida em não nos movemos abertamente em direção a ele; por outro lado, temos o desafio, que se configura também como um giro e um compromisso ético-político (Cf.: RANGEL, 2019), sobre como nos relacionarmos com essa realidade ameaçadora sem sucumbirmos a ela e sem produzirmos saídas que seriam redentoras e que obscureçam, na verdade, tendências autoritárias. O desconforto em relação ao futuro expressivamente manifestado em sociedades que têm sofrido profundamente de altos índices de ansiedade e depressão, problemas altamente agravados pela experiência pandêmica, coloca para o debate intelectual a responsabilidade de pensarmos sobre como podemos nos “reaproximar” do futuro para além dos diagnósticos de sua ameaça ou da espera redentora de sua transformação. Entendo que essa questão é também decisiva para o ensino de Teoria da História e para a formação de professores de História em geral, razão pela qual nas seções seguintes compartilho um relato de experiência de sala de aula sobre o tema. O cuidado epistemológico, ontológico,

afetivo e ético-político com as abordagens sobre o futuro em sala de aula é central para que o espaço da universidade e da atividade intelectual própria à História e às Humanidades possa encontrar e oferecer frestas para o debate, além de apenas reproduzir a sensação claustrofóbica da ausência de caminhos possíveis.

A transgressão pelo cotidiano

No curso de Teoria e Metodologia da História II, ocorrido no primeiro semestre de 2022 na Universidade do Estado de Minas Gerais, eu reencontrava os estudantes que nela ingressaram em março de 2020. Até então, tínhamos tido apenas um único encontro presencial na disciplina de Introdução aos Estudos Históricos e depois fomos atravessados pela pandemia da Covid-19 e pela intensificação e singularização da crise política no Brasil, que além do colapso sanitário nos colocava diante da manifestação do “pandemônio” – a política de morte do governo de Jair Bolsonaro (Cf.: DUARTE, 2020).¹ Retomar a sala de aula após dois anos de um traumático ensino remoto emergencial foi bom, mas igualmente difícil. Alguma normalidade e naturalidade da convivência foi perdida e precisaria ser reconquistada. Muitas vezes não nos sentíamos capazes disso. Eu não me sentia. Ficava muito próxima ao quadro, tinha medo dos estudantes sem máscaras, ainda que já autorizados a isso, e tinha receio que eles percebessem. Embora tomados pela excitação do reencontro, nossos mundos foram descontinuados, não éramos os mesmos. A forma de pensar e lidar com a temporalidade, a História, a relação com a universidade não se dava e nem poderia se dar do mesmo modo de antes, ainda que não estivéssemos plenamente capazes de verbalizar quais exatamente eram as mudanças e preocupações que nos afligiam.

A disciplina em questão teve como foco a discussão da temporalidade contemporânea a partir das reflexões de parte de autores/as citados na primeira seção desse artigo. Iniciamos o curso com a leitura das *Teses sobre o conceito de História* de Walter Benjamin (2005), dando continuidade às suas reflexões sobre a “Experiência e pobreza” (1994, p. 114-119), que havíamos lido em Teoria da História I, ainda no ensino remoto. Passamos pelas mudanças paradigmáticas da disciplina da História, o giro linguístico, o giro ético-político e pelas teorias da temporalidade contemporânea (o presente amplo, o presentismo, o atualismo), discutimos o problema da técnica a partir de Heidegger (2007) e o Antropoceno. Todo debate nos ajudava a visualizar muitos dos desafios que atravessávamos e que nos entristecia. O paradigma não

¹ André Duarte (2020, p. 22) observa que a pandemia no Brasil ganha particularidades ao encontrar o “pandemônio”: a atuação política do (des)governo de Bolsonaro. O conceito de (des)governo não é uma um recurso retórico, mas um “projeto de esvaziamento e de perversão do sentido da democracia” acompanhado de um desatino político que leva a uma incompreensibilidade. O autor ainda observa que “sob a pandemia os perversos efeitos colaterais de exclusão social e de exposição ao risco da morte, próprios às tecnologias biolíticas e neoliberais de governamento da vida da população, viram-se ainda mais intensificados e agravados a partir do momento em que foram recobertos e ressignificados pelo vetor necropolítico, do qual somente podemos esperar a produção da morte e demais efeitos de destruição” (*Ibidem*, p. 25).

hermenêutico da presença (GUMBRECHT, 2010, p. 21-43) e o convite para adiar o fim do mundo (Cf.: KRENAK, 2019) nos reenergizaram, mas ainda assim alguma coisa pesava sobre nós.

Em uma aula, após a leitura e algumas reflexões sobre o Antropoceno (Cf.: CHAKRABARTY, 2013), um estudante muito dedicado e assíduo pediu a palavra para um desabafo e observou o quão difícil era ser historiador e professor de História na medida em que tudo aquilo que tematizamos ao longo da nossa formação parece sinalizar para violências profundas e lidar com o desafio e o absurdo de narrá-las. E se o passado já era, por sua vez, demasiadamente delicado, ter se dado conta de que o futuro também o era tornou as coisas ainda mais difíceis. A fala teve um impacto decisivo sobre os demais, trouxe à tona um cansaço que se tornou visível em cada rosto. Não é que ele não estivesse presente antes, mas, nesse momento, passávamos a nos dar conta dele numa dimensão corpórea e coletiva. Assumíamos o quanto estávamos exaustos. Era como se pela primeira vez pudéssemos de fato ter nos aproximado do "Anjo da História" de Benjamin. Benjamin vê o anjo aterrorizado, suas asas estiradas de exaustão tentando voar. Seus olhos esbugalhados estão voltados para o passado onde crava seu olhar apavorado com os escombros que se acumulam. A despeito de sua vontade, os ventos o impelem para o futuro, um futuro distópico que aprofunda um movimento histórico de devastação a partir dos destroços do terror. Ele quer parar, cuidar dos estragos, dos mortos e não pode (BENJAMIN, 2005, p. 87; RANGEL, 2016). Naquele momento éramos como o Anjo de Benjamin, todos tínhamos um peso sobre as costas, o peso de quase setecentas mil mortes, e o peso de um futuro para o qual "caminhávamos" sem de fato imaginá-lo para além do horror que tínhamos vivido, sem ainda termos tido a oportunidade de cuidar dos mortos e de nós. Esse peso se materializava na atmosfera universitária, na qual mais de setenta por cento dos estudantes afirma sofrer de algum adoecimento mental, confirmadas pelas notícias de tentativas de autoextermínio de estudantes próximos e pela sobrecarga dos núcleos de apoio psicossociais.²

Ali tomei a decisão de interromper o cronograma do curso e antecipar as reflexões a partir das quais tematizaríamos o futuro partindo das nossas experiências. Na medida em que todos concordavam que o futuro parecia mesmo ameaçador (seja pela técnica, pelo esgotamento dos recursos naturais, pela violência, pelo racismo, patriarcado, pelos negacionismos, pela pandemia...), perguntei se eles poderiam sinalizar imagens de futuro alternativas e menos ameaçadoras para que pudéssemos fazer um debate a partir delas. Se eles pudessem construir o futuro, qual, como seria? Dou um tempo para pensarem. Ainda tímidos, alguns iniciam com imagens vagas de maior equilíbrio ambiental a partir de energias renováveis, falam do fim do capitalismo como organização socioeconômica, da realização de uma revolução feminista... Mas quando vou aprofundando as perguntas sobre como construiríamos isso, as imagens ficam muito

² O estudo *Global Student Survey*, feito pela Chegg.org, organização sem fins lucrativos ligada à *Chegg*, empresa de tecnologia educacional norte-americana, ouviu 16,8 mil estudantes de 18 a 21 anos, entre 20 de outubro e 10 de novembro de 2022. Entre os países participantes, o Brasil teve o maior índice de universitários que declararam ter a saúde mental afetada pela pandemia e pelas dificuldades sociais e econômicas. Disponível em: <https://www.chegg.org/global-student-survey-2022>. Acesso em: dez. 2022.

abstratas. A ausência da concretude não se dava pelo fato das alternativas não existirem, mas porque pareciam distantes, estavam baseadas em desejos quase de uma redenção final. Outra grande parte dos estudantes, a maioria, nesse momento, sinalizou para a ausência de futuros que gostariam de viver ou enfatizaram que a despeito dessas possibilidades tudo acabaria em terror e sofrimento.

Então, pedi que descrevessem algo que tivessem vivido na última semana ou mês e que de algum modo poderia sinalizar para um futuro menos ameaçador e mais acolhedor, ainda que por um instante e ainda que parecesse muito simples. Dei tempo, deixei pensarem, reviverem o dia, a semana, as pessoas que gostam e admiram. De repente, a grande maioria tinha alguma imagem para oferecer. Uma estudante vegana lembrou que quando tomou a decisão de não comer nada proveniente de animais, morando no interior de Minas Gerais, as opções eram escassas e impossíveis quando precisava comer fora de casa, o que era uma experiência difícil. Hoje, passados alguns anos e ainda morando no interior, vê com entusiasmo o crescimento da oferta de opções sustentáveis de alimentação, embora não seja a realidade predominante. O aluno que deixou irromper seu cansaço e desejou o fim do mundo, trouxe para a sala a presença da mãe em sua horta, cultivando seus alimentos com amor, sendo exigente com cada membro da família para que reciclem tudo e que, sendo deficiente visual, pedia para que o filho lesse as propostas ambientais de cada candidato político cuidadosamente, e o quão decisivo e forte aquilo era para ela. Vem à tona a imagem do homem idoso vendendo melancias e verduras em pequena quantidade no mesmo lugar, ao som da mesma música. A imagem da primeira pessoa negra a ter ido para a universidade. A imagem da primeira mulher com autonomia financeira na família... O cansaço e a angústia em relação a um futuro assustador não haviam desaparecido depois dessas trocas de imagens, mas os rostos estavam mais ternos, alguma energia nova pode vibrar ainda que por um instante.

O exercício muito experimental e até mesmo ingênuo tornou possível percebermos juntos duas coisas. Primeiramente, quando abordamos o futuro a partir de desejos muito abstratos, esperando a redenção do fim do problema ambiental, das violências de gênero e étnico-raciais, da desigualdade social, por exemplo, apenas por meio de teorias mais generalizadas, isto é, distante da nossa vida cotidiana, de um lugar onde não podemos nos ver, deixamo-nos determinar por uma expectativa de futuro ideal, de modo que um "futuro bom" seria um futuro sem tensões e dificuldades. Isso significa que, de algum modo, não abandonamos plenamente à noção de futuro moderno, determinada pela execução da perfeição e da perfectibilidade. Paradoxalmente, se, por um lado, não abandonamos a ideia de um futuro ideal, por outro lado, não acreditamos que esse futuro (tematizado de forma abstrata e no singular) possa eliminar as contradições e dores do nosso presente. Desse modo, invertemos a expectativa, tendo em vista que o futuro ideal que imaginamos não encontra espaço, não se realiza, acabamos adotando uma perspectiva que parece contraditória, mas que é muito mais próxima do que imaginamos, a percepção de que o futuro é ameaçador e incontornável. Existe, assim, uma ampla dificuldade de se relacionar com o presente e com o futuro a partir de algum

“pragmatismo”, ou melhor, de algum encantamento. Como toda ação parece pequena e ingênua diante de um mundo em colapso, muitos dos desejos acabam rapidamente abandonados (consumidos pelo pessimismo de uma suposta impossibilidade) e não ganham poder de orientação e de ação. Isso abre espaço para o perigo das experiências nostálgicas e dos passados como referências absolutas ou para a ideia fatalista de que se algo não mudar imediatamente estamos condenados. É isso que encontramos em performances discursivas que insistem em apontar que “nada muda ao longo da história” ou “que estamos perdidos”. Não se trata de dizer que não temos decisões urgentes para tomar, mas não podemos condicioná-las ao fatalismo. Essa é uma forma de lidar com a realidade profundamente autoritária proveniente das epistemologias ocidentais, gerando oscilações ora demasiadamente pessimistas (não há saída), ora demasiadamente otimistas (“tudo vai passar”, “isso vai acabar”), mas que mesmo quando otimistas não se traduzem em ações concretas capazes de reorganizar decisiva e coletivamente os desafios regionais e globais (RODRIGUES; RANGEL, 2018, p. 78-82). Aqui recorro a outra citação de Paulo Freire (2015, p. 30. Grifos nossos) para vermos melhor o problema:

Neste sentido que me parece de fundamental importância a insistência sobre a compreensão da História como *possibilidade* e não como *determinismo*. É impossível entender a História como tempo de possibilidade sem o consequente reconhecimento do ser humano enquanto ser da *decisão*, da *ruptura*, da *opção* sem cujo exercício não há como falarmos em *ética*.

Em segundo lugar, percebemos que apesar da angústia legítima mediante um mundo de profundas violências e ameaças, prestar atenção ao nosso cotidiano e a imagens modestas daquilo que parece “bom” ou “urgente” para cada um de nós pode oferecer contrapontos à sensação sufocante de que não temos saída. Como defende Bell Hooks (2013), à teoria tem que ser imputada a responsabilidade de criar estratégias de cura, de tematização e enfrentamento de nossas dores, para além da única ênfase em seus diagnósticos ou de seu uso unicamente instrumental e conceitual. Essa teoria possível, compreendida por ela como um caminho para uma prática libertadora, precisa nascer junto ao nosso cotidiano, precisamos nos ver nela, pois quando abstrata, apartada de nós, pode violentar, nos angustiar mais do que nos emancipar dos desafios que atravessamos. Ao defender a teoria como uma prática social, construída junto aos desafios dos nossos mundos, podemos nos abrir mais teórico-pragmaticamente para a intervenção na realidade e, assim, mediamos o peso de parecermos unicamente vulneráveis: “Enquanto trabalhamos para resolver as questões mais prementes da nossa vida cotidiana [...] nos engajamos num processo crítico de teorização que nos capacita e fortalece” (Hooks, 2013, p. 97). Essa postura é também um compromisso com a vida e com o pensamento democrático. Em diálogo com Paulo Freire, Hooks (2021, p. 89) observa que “o educador democrático liberta-se da falsa ideia da universidade corporativa como ambiente à parte da vida real e procura repensar o ensino como elemento permanente da experiência de mundo e da vida real”.

Nesse sentido, a preocupação ética e política com uma educação democrática colocou como desafio para o curso de Teoria da História em questão levar o debate sobre a temporalidade contemporânea para além do mapeamento teórico-epistemológico de um tempo que nos escapa

e assusta. Por mais sofisticadas que sejam as reflexões sobre a relação entre passado e futuro e os desafios explicitados, é necessário, com base numa perspectiva existencial e afetiva, um trabalho que transforme esse conhecimento sobre o tempo em um modo de ação sobre ele. Para isso, antes de trabalharmos com desafios abstratos, ou abordados apenas sob uma perspectiva que seria global (quase universal!), era necessário que cada um ali se percebesse qual ameaça parecia mais preocupante tendo em vista seu cotidiano. A prática da Teoria da História pode incorporar, assim, exercícios relacionados à imaginação de passados e principalmente de futuros a partir da nossa realidade mais imediata: experimentar coletivamente narrativas e imagens através das quais possamos nos ver e nos dizer, e quem sabe, assim, encontrar alternativas para parte das angústias concretamente mapeadas. O caminho escolhido passou pela captura, narrativa e escuta das experiências oníricas que abordaremos na seção seguinte.

A transgressão pelo sonho

*O que precisa nascer
aparece no sonho buscando frinchas no teto,
réstias de luz e ar.*

Adélia Prado. Alvará de Demolição.

Para encontrar frestas no cotidiano como um caminho para amenizar a sensação claustrofóbica do futuro apenas como espaço de ameaça e de repetição de angústias que temos vivido é preciso um trabalho de caráter teórico, mas também afetivo e prático, capaz de reconduzir/reconstruir a nossa relação com o real. A universidade é sem dúvida um espaço decisivo para essa atividade, especialmente, considerando o campo de atuação da História e das Humanidades. No entanto, para que a universidade, a História e as Humanidades construam um espaço de diferenciação em relação aos desafios contemporâneos, elas precisam oferecer mais do que conteúdos e diagnósticos sobre eles. É preciso um movimento que denomino de encantamento/reencantamento do mundo junto à História e às Humanidades. Trata-se de um compromisso para uma prática que torne as ciências entusiasmadas, isto é, preenchidas de vida e de sonhos. De vida e sonhos diferentes e que não estejam preocupados em revelar apenas imagens ameaçadoras, redentoras e/ou apaziguadoras, mas capazes de resguardar uma tensão própria à realidade, sem recorrer exclusivamente a narrativas fatalistas ou otimistas que não se traduzem em ações pragmáticas para a geração da vida. As "Humanidades Encantadas", então, são aquelas com algum entusiasmo, mas um entusiasmo crítico, para lembrar o caráter de possibilidade, de transformação da história, de seu movimento a partir da diferença (Cf.: RODRIGUES, 2022).

Entre os caminhos para a experimentação do encantamento, proponho a atenção à atividade onírica. Os sonhos são recursos dissonantes, experiências que além de repercutirem de modo único angústias e desejos subjetivos e coletivos, também retêm vitalidade e formas de

subversão dos desafios cotidianos. Nesse sentido, eles atuam como espaço privilegiado para um encontro com o caráter múltiplo, infinito, não-domesticável da vida. São experiências de transgressão do tempo e do espaço convencionais e permitem um encontro singular, próprio a cada um de nós, com a realidade e seus desafios e podem conter alternativas relativas a modos de lidarmos com o mundo.

Em boa parte das comunidades originárias, é por meio dos sonhos que conhecimentos fundamentais à organização da vida social e cultural são adquiridos. Como explica Ailton Krenak (1992; 2019), o cuidado com a memória ancestral se ritualiza junto ao cuidado com os sonhos, entendidos como a casa da sabedoria, na qual os aprendizados fundamentais se manifestam e são reconstruídos. Aquilo que para os brancos corresponde à escola – espaços institucionais de aprendizado – para parte significativa dos povos ameríndios é realizado com base nos sonhos. Diante das ameaças que apontam para colapsos globais, os pensamentos ameríndios têm ensinado que para “suspender o céu”, evitar sua “queda” e “adiar o fim do mundo” temos que sonhar: trata-se do encontro com outros mundos possíveis, que garantem a possibilidade de outras histórias continuarem a ser vividas e narradas (a mobilidade da história como condição da existência), como também alerta o xamã David Kopenawa (Cf.: KOPENAWA; ALBERT, 2019). Outro escritor ameríndio, Kaká Werá, diz que com os olhos da vigília vemos apenas uma pequena parte do mundo (2021, “Apresentação”). Para as partes invisíveis serem descobertas com mais vigor, em *A terra dos mil Povos* (2020, p. 71), ele sugere que é “necessário ativar o encanto para imaginarmos como são as faces do real que não se expressam por palavras”, daí a centralidade das imagens oníricas.

Na Teoria da História, Reinhart Koselleck, após a leitura do livro *Sonhos no Terceiro Reich*, de Charlotte Beradt (2017), sinalizou que os sonhos atuariam como um espaço de visualização, experimentação e de apreensão de realidades latentes, não necessariamente “visíveis” ou “aceitáveis”, mas já possíveis na realidade histórica. O livro de Beradt é uma reunião de sonhos de mais de trezentas pessoas, coletados entre 1933 e 1939, que repercutiam os efeitos angustiantes, após a ascensão de Hitler ao poder, na vida ordinária de cidadãos que, de forma geral, estavam na mão oposta ao regime. Beradt realizou uma cartografia onírica e histórica do *Terceiro Reich* que oferece um repertório sobre como a negação do indivíduo e de sua subjetividade pelo totalitarismo foi assimilada e enfrentada. Assim, ela potencializou o valor coletivo das experiências oníricas na medida em que foram narradas, registradas, analisadas e, posteriormente, tornadas públicas. Sua cartografia inspira desde então projetos diversos.

O livro causou grande impacto em Koselleck. A partir dos sonhos reunidos por Beradt, ele propôs “uma antropologia política dos sonhos” (KOSELLECK, 2017, p. 163-182) – a capacidade de tornarem “visíveis” (sob um outro código que não o da vigília) diferentes camadas temporais (“espaços de experiências” e “horizontes de expectativas” em tensão). Também o fascinava certo caráter de “prognóstico” contido nos relatos. Para ele, os sonhos coletados por Beradt “anteciparam” a realidade subsequente a 1939, momento no qual a experiência do nazifascismo desencadearia mais radicalmente na experiência do terror (KOSSELECK 2006, p.

247-265). A noção de prognóstico aqui não pode ser simplificada à ideia da “adivinhação”. Os sonhos, na verdade, teriam captado uma estrutura latente e disponível da experiência histórica que mais tarde veio a se revelar durante o terror – o assombro vinha do futuro. O desmoronamento da subjetividade e a manifestação da violência fora primeiro intuitiva e corporalmente assimilada em sonho durante o período da propaganda e ideologização do nazismo. A partir dessa observação, Koselleck (2021, p. 109-129) reorganiza as noções de ficção e de realidade histórica, argumentando como os sonhos produzem uma diluição radical das fronteiras entre a imaginação e a facticidade.

Isso ocorreria porque a vida onírica, como as demais dimensões da existência, acumularia sedimentos temporais, mas não os domesticariam com base na lógica linear causal. Na atividade psíquica noturna, experiências e expectativas se confundem, se reprogramam, se apresentam fragmentadas. Ainda que a narrativa dos sonhos durante a vigília tente elaborá-los e organizar as sensações provocadas, na experiência do sonho, passados, presentes e futuros comporiam um espaço de simultaneidades de modo que a “consciência” (performance) da vigília não seria capaz de determinar plenamente seus limites e suas relações – daí sua dimensão profundamente poética, porque transcende uma racionalidade causal que muitas vezes é limitadora. Desse modo, os sonhos não são redutíveis à noção de ficção tradicional ou apenas a experiências simbólicas individuais sujeitas à decifração, mas um espaço que intersecciona múltiplas realidades históricas com as vivências individuais (Cf.: RODRIGUES, 2020, 2021).

As reflexões de Koselleck quanto ao potencial dos sonhos parecem confirmadas por algumas descobertas da neurociência associadas aos estudos sobre a memória, bem como sobre como os sonhos passaram a ocupar um interesse mais geral nas Humanidades. Como as pesquisas de Sidarta Ribeiro revelaram no *Oráculo da noite* (2019), os sonhos podem ser entendidos como “oráculos” – estão prenhes de futuros em potencial. Isso porque ao atuarem como porta de acesso ao inconsciente (Cf.: FREUD, 1999) e também ao “inconsciente coletivo” (Cf.: JUNG, 2014), essa dimensão – mais do que o acúmulo das memórias – corresponderia também à possibilidade e necessidade de combinações infinitas destas, o que significa que nossos sonhos possuem a capacidade de inspirar e “antecipar” realidades possíveis: “Se a vigília é o tempo presente, ao transe onírico pertencem o futuro e o passado, tudo que não foi ou que ainda pode ser, o horizonte de futuros possíveis: o mundo dos contrafactuais” (RIBEIRO, 2020, p. 416).

Com base nessas considerações, já exploradas em outras reflexões, proponho que o sonho adquire uma força expressiva para manifestação e percepção da realidade histórica e sua (re)imaginação devido à sua forma própria de (des)articular a linguagem (deslocando a vivência e a narração da temporalidade e da espacialidade convencionais). O sonho percebe a realidade de forma não previsível e contém uma potência de nos reaproximar do caráter de possibilidade (transformação) da história. Isso ocorre porque ele oferece uma percepção alargada do tempo e do espaço, podendo redirecionar essas dimensões, como faz, por exemplo, a arte e as experiências estéticas em geral (Cf.: GUMBRECHT, 2010). O mundo onírico tem, assim, uma

presença particular, um componente físico de afetação dos corpos e de construção de atmosferas que intervém no nosso cotidiano. A tematização coletiva das experiências oníricas pode, portanto, auxiliar na visualização de desafios históricos latentes e talvez indicar modos de transgredi-los.

* * *

Inspirados pelas reflexões acima, a disciplina de Teoria dedicou um espaço para estudo, captação, narração e compartilhamento dos sonhos dos estudantes buscando identificar se determinadas realidades apareciam como ameaçadoras, quais seriam elas e se encontrávamos caminhos para ressignificá-las. Após a tematização teórica dos estudos mencionados anteriormente, iniciamos um "sonhário da turma", no qual os estudantes compartilharam anonimamente seus sonhos durante algumas semanas. Tivemos como resultado um "sonhário" rico, com diferentes contribuições. Em seguida, realizamos uma "roda onírica". Cada estudante ganhou um sonho de um colega para ser lido em voz alta, ao qual reagíamos a partir das imagens e afetos ali disponíveis. Por um lado, a experiência foi divertida, porque as narrativas permitiram a quebra do lugar convencional de tematização do cotidiano. Por outro, ela nos aproximou de desafios afetivo-existenciais na medida em que articulavam uma rede complexa de desejos, medos e angústias que embora elaboradas de forma singular por cada sonho, eram também comuns a maioria dos sonhadores.

Não tenho como objetivo nesse ensaio explorar detalhadamente as imagens dos sonhos compartilhadas nessa atividade. Quero destacar apenas um dos elementos que mais nos chamou a atenção na roda onírica: a grande maioria dos sonhos tinham suas imagens articuladas junto ao espaço escolar e universitário e parte significativa dessas imagens estavam associadas a algum nível de sofrimento. O deslocamento até a universidade, provas, datas de entregas de trabalhos, decisões bibliográficas para as pesquisas, a presença de professores... apontavam para angústias específicas dos sonhadores. A seguir destaco alguns trechos:

Sonhei também com muitas provas [...]. Todos faziam provas e pareciam nervosos. Aí alguns se levantaram e começaram a apresentar seminários. Mas eu não fazia nada. Estava sentada numa carteira, em cima da prova de alguém.

[A professora] chegou e me pediu para fazer um doce de coco, pois iria usar esse doce durante a aula. A receita do doce pedia leite condensado e eu não tinha em casa, então sai desesperada atrás do tal leite condensado, mas não encontrava em lugar nenhum. Só conseguia pensar que iria estragar a aula por não ter feito o doce antes e em como [a professora] iria ficar decepcionada comigo.

Estava num quarto cheio de mato, árvores, o teto aberto e um céu azul. Estava somente eu no quarto, até que apareceram todos os professores perguntando se eu já tinha terminado o estágio. Exigiam que eu entregasse as horas/documentos urgentemente. Acordei assustada.

Sonho de quinta pra sexta: foram sobre as experiências em sala de aula; discussões e debates. O nosso cotidiano em que envolvia a Universidade

mesmo, as aulas e os textos que íamos discutindo./ Sonho de sexta pra sábado: eu estava auxiliando a escolha de textos em um trabalho sobre autores portugueses. Depois, sonhei com alguma situação que envolvia um ativismo político e, por fim, um sonho em que eu voltava novamente para a escola onde estudei [...]. Lá, fazia uma prova e as salas eram separadas por ordem alfabética [...].

Havia uma mulher ao meu lado dentro de uma Van, como a que eu venho para a faculdade. Mas não era o motorista que nos levava e sim uma outra mulher. Ela tinha olhos azuis e cara de brava. Ela olhava pra mim e me xingava por algumas coisas que eu havia feito e não me lembro o que era.

Lembro de encontrar com um rosto conhecido da universidade, que estava também tentando passar de uma barreira, em meio a destroços de um navio em uma água densa e escura. [...] Ela e eu tentávamos ultrapassar esse navio encalhado e encostado em uma grande rocha. Falei algumas coisas com essa pessoa sobre a situação em que estávamos – eu me encontrava machucada, com alguns arranhões e sangue seco – ela também.

Estava me preparando para uma apresentação teatral na minha antiga escola. Conversava com uma mulher que não conheço andando por ruas estranhas e movimentadas. Conversávamos sobre a peça e sobre a vida. Sigo para o teatro localizado no pátio da escola e também parece a universidade. Ele cresce para as laterais e há muitas pilastras que atrapalham a vista para o palco. Estou sentada na última fileira. Se aproxima minha vez de entrar em cena – devo cantar uma poesia da plateia mesmo. Estou confusa com os papéis do roteiro nas mãos e me atrapalho com eles. Chega minha vez. Olho os papeis e estou perdida. Aquele silêncio constrangedor. O diretor/professor nervoso se aproxima e me diz muito irritado que preciso começar de qualquer jeito. Não encontro o papel com o poema, mas encontro um rascunho com o qual começo a cantar o que parece uma cantiga de amigo medieval. É horrível porque canto mal. A plateia não gosta. O diretor/professor ri desdenhando de mim [...].

Junto dessas imagens, também chamou atenção os relatos que indicavam sensação de aprisionamento e dor intensa:

minhas mãos estavam cobertas de sangue e eu com o peito aberto segurava o meu coração mutilado[...].

Sonhei que estava numa câmara, dentro de um laboratório vigiados por robôs. Desse laboratório tentei fugir. No entanto, logo era cercado pelos robôs que aplicavam uma espécie de carga elétrica, me imobilizavam e me colocavam de volta na câmara.

Obviamente os sonhos coletados não estavam exclusivamente relacionados ao espaço e ao contexto escolar e universitário. Outras imagens chamaram atenção como a frequência em que a presença das avós ou suas casas apareceram, os animais de estimação, o universo pop, música, jogos e filmes contrastando as cenas das cidades interioranas, os prazeres e crises das sociabilidades vivenciadas em festas e ruas, as tensões em torno das eleições presidenciais de 2022, a angústia das pressões e ameaças familiares no que tange às orientações sexuais, as dificuldades quanto às decisões profissionais, cenários fantásticos e assombrados, perseguições, cenas aleatórias que nos trouxeram boas risadas, cenas mais dramáticas que nos emudeceram.

Mas o destaque dado aos trechos oníricos que tematizavam algumas aflições em relação ao espaço universitário e escolar nos interessaram mais num primeiro momento porque apontam para uma realidade grave materializada pelo altíssimo índice de adoecimento mental entre estudantes e professores. As causas desse cenário delicado e complexo são diversas e eu não

pretendo simplificá-las com afirmações generalizantes. Mas pensando o problema a partir dos sonhos mencionados, as angústias desencadeadas pelos compromissos e exigências do âmbito universitário sinalizam que teríamos uma experimentação simplificadora da universidade como um espaço que seria apenas de tematização e execução técnico-científica de conteúdos disciplinares.

Marcelo Rangel (2021, s./p.) em discussão sobre a relação entre a universidade e a felicidade, propõe que ela precisa ultrapassar um espaço de tematização de determinados conteúdos, indo em direção a “um ambiente [...] no qual temos a possibilidade de certa aproximação comunitária em relação a afetos que são adequados à insistência na difícil tarefa da abertura franca e da relação intensa junto a outras e outros, um ambiente propício à ousadia”. Os sonhos em questão sinalizam para certa dificuldade dessa abertura e alertam para a necessidade de um cuidado de caráter teórico, afetivo e prático, no qual os conteúdos e compromissos do espaço universitário transgridam o mapeamento dos diagnósticos e compromissos formais/institucionais. Ainda segundo Rangel (2022, s./p.):

O pensamento, a ciência, a universidade precisam ter uma espécie de dupla atenção e responsabilidade, uma com o que é mais visível, com o que ainda podemos refinar no que tange a determinado mundo, mas, também, se dedicar a uma tarefa que pode parecer estranha, ao menos num primeiro momento, que é a de buscar se antecipar ao que pode aparecer mais inesperada e subitamente, tornando possível e participando da própria reorganização ou diferenciação de determinado contexto.

Nesse aspecto, se a partir dos sonhos diagnosticávamos uma relação de sofrimento com a universidade e certo aprisionamento nessa condição, eles não se resumiam a esse imobilismo e permitiram uma abertura diferente e coletiva para esse desafio. Após as trocas, discussões e associações teóricas e poéticas proporcionadas por cada sonho, os alunos tiveram como responsabilidade criar algo coletivo com essas imagens e narrativas. Levaram para casa o sonho do outro, no qual deveriam trabalhar para criar algo único, singular, que não se esgotasse em reflexões sobre as angústias presentes ali. E deveriam decidir coletivamente como apresentar esses resultados. Nesse momento houve conflito: eram muitas sugestões sobre os caminhos possíveis e muitas sinalizações pessimistas de que a atividade não daria certo com tamanha diferença entre as propostas. Sem dúvida era uma atividade de risco na medida em que o compartilhamento dos sonhos, a escuta, a repercussão deles tinham como base uma carga emocional própria a cada um. Ao mesmo tempo, na medida em que todos toparam o risco, criando um ambiente de confiança e respeito por cada sonho, por cada imagem, por cada afeto, pudemos viver a abertura para uma universidade disposta ao outro e à troca comunitária, encontrando, assim, o prazer que não precisa estar apartado da vida universitária e da sofisticação teórico-prática.

Após algumas discussões sobre o que criariam com cada sonho, os alunos decidiram construir uma cidade gráfica onde coubesse cada contribuição particular. Os sonhos viraram teoria, poesia, fotografia, filme, performances artísticas, contos, galerias... que alimentavam um mundo inventado e habitado por cada um deles. Transformaram a sala de aula em um ambiente

onde a diferença se encontrava e impulsionava historiadores(as)-poetas, historiadores(as)-cineastas, historiadores(as)-escritores(as), historiadores(as)-fotógrafos(as), historiadores(as)-artistas-plásticos...

Como aponta Sidarta Ribeiro (2022a, s./p.), “o sonho é uma forma ancestral de construção de adaptação, de futuro, de alternativas e de possibilidades. É importante para termos criatividade e flexibilidade cognitiva. E não é sobre nós mesmos, sobre o nosso próprio umbigo, é sobre as relações”.³ Nesse caminho, os estudantes transgrediram o espaço do sofrimento, sonharam e materializaram também outra universidade possível e outras posturas possíveis em relação ao futuro. Descobriram uma universidade que os permitisse, ainda que momentaneamente, adormecer e acolher os seus sonhos com responsabilidade e cuidado. Foram acarinhados e experimentaram alguma pausa na sensação de estarem determinados por um mundo ameaçador. Para isso precisaram também trabalhar, escutar, pensar, produzir, ler, sonhar juntos.

Em todos esses dias apenas consegui anotar somente alguns trechos de sonhos, mas gostei muito de um, que parece ter sido consequência de alguma aula sua: Lembro de estar andando na “universidade” - entre aspas, pois não era a universidade com a mesma estrutura arquitetônica, o local era diferente, mas o sentimento era de estar dentro da Universidade. Lembro de entrar onde podia ser um auditório e ver todas as cadeiras ocupadas de pessoas concentradíssimas. Eu não consigo me recordar do rosto delas, mas lembro de estarem sentadas e olhando para frente, onde tinham três mesas: a do meio era grande e estava vazia, porém estava preparada para receber pessoas. Essa me lembrou a mesa da casa da minha avó, tinha um jarro de flor no meio sobre um forro azul claro, além dos copos. Já as do lado estavam ocupadas, a da direita tinham pessoas deitadas, já dormindo e a da esquerda estava ocupada de pessoas quase deitadas, recebendo carinhos, desses que se recebe de gente querida e logo dá sono. [...] Me concentrei apenas no rosto das pessoas que faziam os carinhos, pareciam familiar, mas não eram. Os gestos eram gostosos de olhar ou talvez de lembrar, como se quem recebesse o carinho fosse eu. (RIBEIRO, 2022a, s./p.).

Referências

Documentos Audiovisuais

RIBEIRO, Sidarta. Sidarta Ribeiro, em entrevista à Érica Montenegro sobre sono, sonho e interpretação de sonhos. *Metrópolis*. (Canal). *YouTube*. (Plataforma online). Publicado em: 20 jun. 2022a. Disponível em: https://youtu.be/FCvtQ_00nIE. Acesso em: dez. 2022.

³ Sobre alternativas aos desafios contemporâneos por meio do exercício de sonhos coletivos, ver também: RIBEIRO, 2022b.

Bibliografia

- ARAUJO, Valde; PEREIRA, Mateus. *Atualismo 1.0*. Como a ideia de atualização mudou o século XXI. Ouro Preto: SBTHH, 2018.
- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". São Paulo: Boitempo, 2005.
- BERADT, Charlotte. *Sonhos do Terceiro Reich*. Com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler. São Paulo: Três estrelas, 2017.
- BRAIDOTTI, Rosi. Affirmation, pain and empowerment. *Asian Journal of Women's Studies*, Ewha Womans Univ. Press, v. 14, p. 7-36, 2008b.
- BRAIDOTTI, Rosi. In Spite of the Times. The post secular turn in Feminism. *Theory, Culture & Society*, n. 6, v. 25, p. 1-24, 2008a.
- BRAIDOTTI, Rosi. Powers of Affirmation. Response to Lisa Baraitser, Patrick Hanafin and Clare Hemmings. *Subjectivity*, n. 3, p. 140-148, 2010.
- CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da história: quatro teses. *Sopro*, n. 91, p. 2-27, jul. 2013.
- DOMANSKA, Ewa. Affirmative Humanities. *History-theory-criticism*, n. 1, p. 9-26, 2018.
- DUARTE, André. *A pandemia e o pandemônio: Ensaio sobre a crise da democracia brasileira*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2020.
- FREIRE, Paulo. Suporte e mundo. In: *À sombra desta mangueira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- FUKUYAMA, Francis. *O fim da história e o último homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.
- GUIMARÃES, Géssica; PEREIRA, Luisa. Ativismo, movimentos sociais e politização do tempo: possibilidades dos feminismos no Brasil contemporâneo. In: PINHA, Daniel; GUIMARÃES, Géssica; RANGEL, Marcelo (Orgs.). *Diante da Crise: teoria, história da historiografia e ensino de história hoje*. Vitória: Milfontes, 2021.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente*. O tempo e a cultura contemporânea. São Paulo: Ed. Unesp, 2015.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de Presença*. O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RJ, 2010.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Um contraponto à comparação. Seis considerações sobre o engajamento com um passado Pós-histórico. *Revista de Teoria da História*, UFG, n. 24, v. 2, p. 119-127, 2021.
- HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. A questão da Técnica. *Scientiæzudia*, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.
- HOOBS, Bell. A teoria como prática libertadora. In: *Ensinando a transgredir*. A educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

- HOOKS, Bell. Educação democrática. In: *Ensinando comunidade*. Uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.
- JUNG, Carl Gustav. *Arquétipos e o inconsciente coletivo*. Vol. 9. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KOSELLCK, Reinhart. Ficção e realidade histórica. In: GUMBRECHT, Hans; RODRIGUES, Thamara (Orgs.). *Reinhart Koselleck: uma latente filosofia do tempo*. São Paulo: Unesp, 2021.
- KOSELLCK, Reinhart. Terror e sonho – Anotações metodológicas para as experiências do tempo no Terceiro Reich. In: *Futuro Passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos de tempo: Estudos sobre História*. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-RIO, 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. Posfácio. In: BERADT, C. *Sonhos do Terceiro Reich: com o que sonhavam os alemães depois da ascensão de Hitler*. São Paulo: Três estrelas, 2017.
- KRENAK, Ailton. Antes, o mundo não existia. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- KRENAK, Ailton. *Ideais para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- LÖVITH, Karl. *O sentido da História*. Lisboa: Ed. 70, 1991.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. São Paulo: José Olympio, 1986.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda consideração intempestiva*. Da utilidade e desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- RANGEL, Marcelo de Mello. *A universidade porvir. As humanidades hoje*. [No prelo, 2022].
- RANGEL, Marcelo de Mello. A urgência do giro ético-político: o giro ético-político na teoria da história e na história da historiografia. *Ponta de lança*, UFES, v. 13, p. 27-46, 2019.
- RANGEL, Marcelo de Mello. História e *stimmung* a partir de Walter Benjamin: sobre algumas possibilidades ético-políticas da historiografia. *Cadernos Walter Benjamin*, v. 17, p. 165-178, 2016.
- RIBEIRO, Sidarta. *O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIBEIRO, Sidarta. *Sonho manifesto*. Dez exercícios urgentes de otimismo apocalíptico. São Paulo: Companhia das letras, 2022b.
- RODRIGUES, Thamara; RANGEL, Marcelo. Temporalidade e crise: sobre a (im)possibilidade do futuro e da política no Brasil e no mundo contemporâneo. *Revista Maracanan*, PPGH/UERJ, n. 18, p. 66-82, 2018.
- RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Dos futuros passados aos futuros possíveis: uma leitura de Reinhart Koselleck e Ewa Domanska. In: PINHA, Daniel; GUIMARÃES, Géssica; RANGEL, Marcelo. (Orgs.). *Diante da Crise: teoria, história da historiografia e ensino de história hoje*. Vitória: Milfontes, 2021.
- RODRIGUES, Thamara de Oliveira. Sonhos no tempo da morte: testemunhos oníricos e históricos sobrea pandemia no Brasil. *Ensaio Filosóficos*, n. 24, p. 61-81, 2021.
- RODRIGUES, Thamara. Humanidades Encantadas: sobre vida, futuro e sonho. *HH Magazine: Humanidade em Rede*. (Site). Publicado em: 26 jan. 2022. Disponível em:

<https://hhmagazine.com.br/humanidades-encantadas-sobre-vida-futuro-e-sonho/>. Acesso em: dez. 2022.

RODRIGUES, Thamara. Outros modos de pensar e sonhar: a experiência onírica em Reinhart Koselleck, Ailton Krenak e Davi Kopenawa. *Revista de Teoria da História*, v. 23, p. 152-177, 2020.

WERÁ, Kaka. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 2020.

WERÁ, Kaka. *O poder do sonho: um livro sobre a arte de sonhar*. São Paulo: Tumiak, 2021.